

# COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral  
Propriedade da

**COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA**  
*www.comunhaolisboa.com*

ANO 27

Nº 170

**JANEIRO - FEVEREIRO**  
2010

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	<b>Editorial</b>	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	<b>Palavras de Kardec</b>	3
1500-592 Lisboa	<b>As directrizes de Jesus...</b>	6
Telefone : 217 647 441	<b>Natal... de quem? (Poema)</b>	10
*	<b>Causa e Efeito... e Reforma ...</b>	12
Director Responsável :	<b>Inversão de Valores</b>	15
Manuela Vasconcelos	<b>Miguel Torga :História Antiga</b>	20
*	<b>Páginas do Passado</b>	21
	<b>Sobre o Casamento...</b>	27
Tiragem : 150 exemplares		
Distribuição Gratuita		
*		
Registo nº.211720	*	
Depósito Legal Nº. 13972		

# EDITORIAL

Terminámos o nosso último número do ano findo com o voto de “Feliz Natal para todos”, e começamos este, agora, ensejando, a quem nos ler, que tenha tido um feliz Natal – mas um Natal com Jesus.

Lemos uma vez uma pagela que, por demasiado interessante transcrevemos num dos exemplares desta Revista, sobre uma “possível” conversa entre Maria e José, na qual ela lhe falava de um sonho que tivera, um sonho no qual todos se preparavam para festejar o dia de Jesus mas que, ao chegar o momento de se dar início à festa, estavam todos presentes... menos Jesus, que não foi falado nem recordado uma única vez!

Ignoramos o nome do autor daquele texto, que achámos admirável, e, de cada vez que chegamos a um Natal, ano após ano, recordamo-lo por entre a azáfama das pessoas que correm de um para outro lado, adquirindo presentes para uns e para outros, telefonando e convidando familiares e amigos... mas sem que falem, reconhecidamente ou não, do Divino Amigo!

Seria tão bom se Jesus estivesse presente em todas as comemorações... se Ele reinasse em todos os corações!

Recordamos a Sua estadia entre os homens... tudo o que nos doou, ensinou, a própria vida que deixou Lhe fosse arrebatada, para que nos salvássemos... Neste início de um novo ano, em troca desse “esquecimento ocasional” de Alguém tão importante, vamos propor-nos procurar tê-LO connosco pelo menos uma vez

em cada semana, na reunião que poderemos sempre tornar mais familiar de ‘O Evangelho no Lar’... vamos lembrar mais os seus ensinamentos, tão perdidos no meio da barafunda que se tornou para muitos o dia a dia material... vamos procurar conhecê-LO e retê-LO connosco... para ficarmos nós sempre com Ele! Se assim fizermos, estaremos construindo, finalmente, a nossa paz – aquela paz que temos procurado afincadamente mas parece sempre mais distante porque O colocámos, também, distante de nós e dos nossos corações...

Vamos, silenciosamente, fervorosamente, tentar fazer Natal em nós, em cada dia do novo ano, e concluiremos por nos sentirmos todos, mas todos, bem mais felizes do que até então! Vamos abrir as portas do nosso coração para o Divino Amigo!

### *A DIRECÇÃO*

\*

## **PALAVRAS DE KARDEC**

### **ESTUDO DA NATUREZA DE CRISTO**

#### **V – DUPLA NATUREZA DE JESUS**

(continuação do capítulo III)

Pode objectar-se que em razão da dupla natureza de Jesus, as suas palavras exprimiam sentimentos humanos, que não divinos; os do homem, que não os de Deus. Sem inquirir como se chegou à hipótese dessa dupla natureza, admitamo-la por um momento e

vejamos se, em vez de vir ela elucidar a questão, não a torna mais complicada e insolúvel.

O que devia ser humano em Jesus era o corpo, a parte material e, neste ponto de vista, compreende-se que ele tenha sofrido, como homem. O que devia ser divino nele era a alma, o espírito, o pensamento, em uma palavra, a parte espiritual do ser. Se sentia e sofria como homem, devia falar e pensar como Deus. Falava como homem, ou como Deus? Eis uma questão importante para a autoridade excepcional dos seus ensinamentos. Se falava como homem, as suas palavras podem ser controvertidas; se falava como Deus, são indiscutíveis: não as aceitar é heresia; o mais ortodoxo é o que mais se aproximar delas.

Se, porém, falou **como Deus**, qual a razão do incessante protesto contra a sua natureza divina, que, no caso, lhe não podia ser desconhecida? Ou viveu enganado – o que é pouco divino, ou, inconscientemente, procurou enganar o mundo – o que muito menos divino seria. Parece-nos difícil escapar a este dilema.

Se admitíssemos que ele falasse, ora como homem, ora como Deus, mais complicada seria a questão, porque será impossível distinguir o que vinha do homem do que vinha de Deus. No caso de ter ele tido motivos para dissimular a sua verdadeira natureza, durante a missão, e o meio mais simples era nada dizer a respeito, ou exprimir-se como o fez noutras circunstâncias, de modo vago, parabólico, acerca de pontos cujo conhecimento estava reservado ao futuro. Ora o caso de sua natureza não é este, pois que dela falou em termos que nada têm de ambíguos.

Por derradeiro, se a despeito de todas estas considerações, fosse ainda possível admitir que ele, durante a vida, ignorasse a sua verdadeira natureza, essa opinião deixaria de ter razão de ser,

desde o facto da ressurreição, quando, em suas aparições aos discípulos, não é mais o homem que fala, mas o Espírito separado da matéria, que já deve ter recuperado a plenitude das faculdades espirituais, com a consciência do seu verdadeiro estado e, portanto, da sua identificação com a divindade.

E no entanto é nestas condições que diz: **Eu vou subir a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus!**

A subordinação de Jesus ainda é indicada por sua qualidade de mediador, que implica uma pessoa distinta entre Deus e os homens. É ele que intercede junto ao Pai e que se oferece em sacrifício para resgatar os pecados da humanidade. Ora, se ele é Deus, **igual a Deus em todas as coisas**, que necessidade tem de interceder? Ninguém se intercede a si próprio.

*(Continua no próximo número)*

(In: OBRAS PÓSTUMAS, ed. Lake, 1ª Parte).

\*

*Cada qual ministrará os bens recebidos do Pai, na sua própria esfera de acção, sem a ideia egoística de ganhar para enriquecer na Terra, mas de servir com proveito para enriquecer em Deus. – (EMMANUEL – Xavier, Francisco C. – “Caminho, Verdade e Vida”, ed. FEB, capítulo 61).*

\*

# AS DIRECTRIZES DE JESUS E OS ALVITRES DO MUNDO

## O homem espiritual transita em faixa de consciência elevada

*“ Eu vos dou a minha paz, mas não a dou como o  
Mundo vo-la dá.” – JESUS (Jo., 14:27)*

Há que estabelecer a diferença entre **viver bem** e **bem viver**.

1. **Viver bem** se prende ao homem fisiológico, automatista, primitivo, rasteiro...
2. **Bem Viver** é apanágio do homem espiritual, psicológico, idealista, compreensivo, racional...

O primeiro inebria-se com os alvitres do mundo, deixando-se intoxicar pelos atavismos dissolventes, desacostumado às lutas íntimas de santificação; e, diante das sortidas de que se vê preso por parte desses algozes internos, posterga o trabalho de evolução, ou pára, caso nele se encontre, ou abandona os propósitos abraçados, sob os tóxicos do desânimo e do desconforto moral...

O segundo transita em faixa de consciência elevada e se apercebe da realidade da vida, porque alcançou a dimensão intelecto moral lúcida. Embora necessitando de alguns valores objectivos, o seu é o programa transcendente de conquistas

imateriais; inspirado pelo belo, o útil, o nobre, o sadio, vive bem dentro do seu bem viver, porque marcha na direcção da plenitude.

Não nos detenhamos no grau evolutivo no qual – hodiernamente – estagiamos. Se vivemos bem, procuremos fazê-lo com dignificação, a fim de que possamos bem viver, sobrepondo-nos aos limites da ancilosante conjuntura material, que é o primeiro acto para a nossa plena realização como espírito imortal.

Assim, mister se faz discernir entre as directrizes de Jesus e os alvitres do mundo para redimencionarmos com acerto e precisão nossas atitudes e direcção na senda evolutiva, absorvendo factores de progresso e alijando tudo que nos jugula aos primitivos, onde há predominância dos instintos grosseiros, hedonistas, superficiais... Sendo Jesus, no dizer dos Benfeitores Espirituais, **o Modelo mais perfeito, o Guia por excelência que Deus há dado à Humanidade** (1), cumpre-nos seguir Suas palavras e não as ilusões caudatárias dos ouropéis do mundo material perecível.

Propõe o mundo: Triunfa a qualquer preço, sem te preocupares com os outros, que aguardam ocasião de te submeterem;

Estabelece Jesus: Se alguém te pedir a capa, oferece também a manta, e se te solicitarem seguir mil passos, vai, tranquilo, dois mil...

Programa o século: Não cedas o teu lugar, haja o que houver. Disputa a tua posição, pois que outros estão batalhando por tomar-te a em que te encontras;

Argumenta Jesus: Não te afadigues pela posse indevida. Tudo quanto cederes, terás, e aquilo que tomares, perderás;

Promete a Terra: Os vitoriosos gargalham e recebem apreço. Triunfa no mundo, tendo a glória como sendo a meta que deves alcançar;

Aclara Jesus: Todo apogeu terrestre nivela na tumba as criaturas umas às outras. A glória que ensoberbece passa, e o homem se encontra vazio e só, empós...

Reclama a sociedade: Impõe a vontade, a fim de te fazeres respeitar e armazena moedas para adquirires tudo quanto ambicionas;

Responde Jesus: Reúne tesouros no “*Reino dos Céus*” e colecta os recursos da paciência, da humildade, do perdão, da caridade nos cofres do amor, e serás rico de paz.

Impõe a tradição: A vida espiritual será examinada na velhice. Fruí e usa o corpo enquanto são moças as tuas carnes;

Contrapõe Jesus: Louco, hoje te tomarão a alma, sem indagarem a idade que tens.

Aconselham as técnicas do bem estar imediato: Reage a qualquer pressão e agressão. Arma-te para te defenderes tomando o outro de surpresa;

Orienta Jesus: Age com elevação sempre e equipa-te com os recursos do amor que vence tudo e amortece todos os golpes que sejam desferidos contra ti...

Determina a ilusão: Embriaga-te no prazer, que é tudo quanto tens ao alcance das mãos;



Repete Jesus: Vence o mundo, educando-te e crescendo para a realidade superior da tua consciência...

O homem no mundo vive em nível de consciência inferior, **o homem espiritual transita em faixa de consciência elevada.**

Embora a permanência nas conjunturas carnavais, ainda atado ao primarismo, já anelas pela emoção enobrecida. Exercita os valores morais e vivências espirituais, adquirindo forças para o passo decisivo, que te fará escolher Jesus em detrimento do mundo, e repetirás com Ele: “*Eu venci o mundo!...*”

1– KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, 88ª ed. Rio (de Janeiro): FEB, 2006, q.625.

**ROGÉRIO COELHO**  
(Muriaé – MG – Brasil)

**Nota do autor:** As elucubrações insertas neste artigo foram extraídas do livro “*Momentos de Esperança*” da lavra mediúnica de Divaldo Franco e de autoria de Joanna de Ângelis, nos capítulos 3, 4 e 5; LEAL, Editora – Salvador.

\*

*E, em verdade, se ainda não podemos permanecer com o Cristo, ao menos uma hora, como pretendemos a divina união com a eternidade?* – (EMMANUEL – Xavier, Francisco C. – “Caminho, Verdade e Vida, ed. FEB, capítulo 88).

\*

# NATAL... DE QUEM?

Mulheres atarefadas  
Tratam do bacalhau,  
Do peru, das rabanadas.

- Não esqueças o colorau,  
O azeite e o bolo-rei!

- Está bem, eu sei!

- E as garrafas de vinho?  
Já vão a caminho!

- Oh mãe, estou p'ra ver  
que prendas vou ter.  
Que prendas terei?

- Não sei, não sei...

Num qualquer lado,  
Esquecido, abandonado,  
O Deus-Menino  
Murmura baixinho:

- Então, e Eu,  
Toda a gente me esqueceu?

Senta-se a família  
À volta da mesa.  
Não há sinal da cruz,  
Nem oração ou reza.

Tilintam copos e talheres.

Crianças, homens e mulheres  
Em eufórico ambiente.  
Lá fora tão frio,  
Cá dentro tão quente!

Algures esquecido,  
Ouve-se Jesus dorido:  
- Então e Eu,

Toda a gente Me esqueceu?

Rasgam-se embrulhos,  
Admiram-se as prendas,  
Aumentam os barulhos  
Com mais oferendas.  
Amontoam-se sacos e papéis  
Sem regras nem leis.  
E Cristo Menino  
A fazer beicinho:  
- Então e Eu,  
Toda a gente Me esqueceu?

- O sono está a chegar.  
Tantos restos por mesa e chão!  
Cada um vai transportar  
Bem-estar no coração.  
A noite vai terminar  
E o Menino, quase a chorar:  
- Então e Eu  
Toda a gente Me esqueceu?  
Foi a festa do Meu Natal  
E, do princípio ao fim,  
Quem se lembrou de Mim?  
Não tive tecto nem afecto!

Em tudo, tudo, eu medito  
E pergunto no fechar da luz:  
- Foi este o Natal de Jesus?!!!

*JOÃO COELHO DOS SANTOS*

(In: “Lágrima do Mar”, 1996).

# CAUSA E EFEITO ... e REFORMA ÍNTIMA

Quando estudante, há algumas dezenas de anos atrás, tomámos conhecimento da fábula de La Fontaine que transcrevia o diálogo entre um lobo e um cordeiro que estaria, nas margens de um rio bebendo água e sujando, na censura do lobo, aquela que ele queria beber; as respostas do cordeiro às acusações do lobo, atingem o ponto culminante quando, sem saber mais como objectar, o mais velho conclui: “Se não foste tu, foi o teu pai...”

Naquela época não compreendemos a estranheza da conclusão do diálogo, embora tivéssemos percebido, como qualquer outro estudante da época, que o lobo queria comer o cordeiro e estava arranjanado “um pé” para se poder atirar a ele. Hoje, distante a leitura no tempo, e com outros conhecimentos ignorados na altura, perguntamo-nos se o escritor (1621-1695) teria alguns conhecimentos esotéricos, já que, naquele tempo, Hippolyte Denisard ainda não tinha reencarnado nem Allan Kardec, portanto, codificado a Doutrina Espírita. Apenas, dentro dos conhecimentos que nos dá o Antigo Testamento, sabemos que muitos povos acreditavam na reencarnação, que veio depois a ser confirmada por Jesus quando referiu a necessidade do “nascer de novo...”

Debruçados sobre este conhecimento que o Divino Amigo nos confirmou (considerando a crença que, ao longo dos séculos, os nossos antepassados foram referindo, aceitando e alimentando), concluímos pela sua necessidade já que, imperfeitos como temos

sido – como ainda somos! – ser-nos-ia absolutamente impossível numa só vivência, de simples e ignorantes conquistarmos a sabedoria e perfeição absolutas – aquela que o Senhor nos determinou ao criar-nos!

Chegamos, assim, à **Lei de Causa e Efeito** e suas consequências nas vivências que se seguem àquela em que a acção foi praticada. Porque é que – tal como nos acalenta a penitência que fazem aquele que se confessa na sua Igreja – porque é que simplesmente o nosso erro, falha, queda (o que quisermos chamar-lhe) não fica simplesmente ‘riscado’ do nosso Livro da Vida em função do reconhecimento do mal que fizemos? Porque não é suficiente. Pode acontecer, até, que haja realmente um sincero arrependimento desse mesmo mal, mas até o ‘vivermos’ em nós, não sabemos avaliá-lo totalmente nem às suas consequências... cremos, até, que baseados nesses acontecimentos, é que os nossos avós criaram aquela frase tão simples mas tão verdadeira: “Cá se fazem, cá se pagam!...” Se o mal, o erro, a queda foram criados na Terra, na Terra terão que ser vivenciados para a sua reparação correcta...

Então, aquela Lei atrás referida, ensina-nos que todas as acções melhores ou piores terão a sua consequência numa outra vivência, senão naquela mesma em que tiver sido criada. Por outras palavras, **causa e efeito** significa, numa linguagem talvez mais simples e compreensiva que *a sementeira é livre mas a colheita obrigatória!*

Como podemos, portanto, livrar-nos (libertar-nos) das consequências nefastas (para nós, porque enquanto as infligimos ao nosso próximo nunca as reconhecemos como tal) dos nossos erros? É muito difícil, com certeza, porque ao fim de milénios de

existência e tantas reencarnações vividas que já lhes perdemos a conta, pensamos justificar o injustificável!

É tão fácil! Apenas é necessário estarmos atentos à nossa conduta; analisarmos a possível consequência dos nossos actos, e perguntarmo-nos de uma maneira simples e coerente: eu gostaria que fizessem o mesmo comigo? Se a resposta for negativa, já sabemos como havemos de agir e este ‘jogo’ de pensamento do que pretendemos fazer, análise das consequências e modificação de atitude, chama-se, simplesmente, **reforma íntima!** É assim que vamos modificando o que esteja errado em nós, é assim que nos vamos preocupando mais e mais com o nosso próximo, é assim que, procurando evitar o nosso sofrimento, vamos **amando o próximo como a nós mesmos**, não lhe fazendo aquilo que não queremos que nos façam a nós!

A conquista do nosso aperfeiçoamento tem muito a ver com esta conduta, tem muito a ver com o nosso desejo de felicidade e de paz que, paralelamente, vamos transmitindo aos que nos rodeiam já que, a partir de determinado momento, não nos basta o ‘não fazer para não sofrer’: queremos, igualmente, ajudar o nosso próximo porque concluímos que da sua felicidade advém parte da nossa!

Se Deus nos criou para o bem, para sermos felizes, está, então, unicamente em nós a conquista desse mesmo bem e dessa felicidade, dado que já temos, na “idade espiritual que possuímos” a sabedoria necessária para reconhecermos o que devemos e não devemos fazer, como agirmos e, ainda, como evitarmos os escolhos do caminho... além de que a Lei de Deus acompanha-nos sempre, porque incrustada na nossa consciência! (Q. 621 de ‘O Livro dos Espíritos’).

E Jesus estará presente, com os ensinamentos que nos transmitiu e duram até hoje, a apontar-nos o caminho que devemos seguir. Basta querermos, estarmos atentos... e escutá-LO!

*MANUELA VASCONCELOS*



## **INVERSÃO DE VALORES**

Durante o solstício de Inverno na Roma pagã, período que abrange os dias 17 a 23 de Dezembro, celebravam-se as *Saturnais*, também denominadas como as ‘festas dos escravos’, em razão de ser-lhes concedidas oportunidades de prazeres, aumento da quota de alimentos, diminuição dos trabalhos a que se encontravam submetidos especialmente nos campos.

Homenageando-se o deus Saturno, os participantes entregavam-se aos mais diversos abusos, especialmente na área da sensualidade, da falta de compromissos morais, assemelhando-se às bacanais...

Quando o Cristianismo primitivo passou a dominar as mentes e os corações do Império, aqueles afeiçoados a Jesus, desejando apagar a nódoa moral que vinha do paganismo e permanecia atormentando a cultura vigente, transferiram a data do Seu nascimento para aquele período, aproximadamente, destacando-se o dia 25 para as celebrações festivas.

Havendo nascido o Mestre de Nazaré entre 6 e 8 de Abril, segundo os mais precisos cálculos dos estudiosos do Cristianismo contemporâneo, o alto significado da ocorrência, pensavam então, teria força suficiente para apagar as lembranças dos abusos praticados até àquela ocasião.

O ser humano, nada obstante, mais facilmente vinculado às paixões primitivas, lentamente foi transformando a data evocativa da *estrebaria de palha* que se transformou numa *constelação de estrelas*, a fim de dar expansão aos sentimentos desequilibrados, assim atendendo às necessidades das fugas psicológicas, em culto externo de fantasia e de prazer.

Posteriormente, São Francisco de Assis, símile de Jesus pelo seu inefável amor e entrega total da vida, desejou recompor a ocorrência natalina, e realizou o seu primeiro presépio, a fim de que o mundanismo não destruísse a simplicidade da ocorrência, apresentando o evento sublime na forma ingénua das suas emoções.

Durante alguns séculos preservou-se a evocação do berço dentro das modestas concepções do *Cantor de Deus*.

À medida que a cultura se espalhou e as modernas técnicas de comunicação ampliaram os horizontes das informações, as doutrinas de mercado, assinaladas pelas ambições de compras e vendas, de extravagâncias e de presentes, de sedução pelo exterior em detrimento do significado interno de valores, propôs novos paradigmas para as comemorações do Natal.

Na actualidade aturdida dos sentimentos, a figura de Jesus lentamente desaparece da paisagem do Seu nascimento, substituída pelo simpático e gorducho velhinho do norte europeu,



*Papai Noel*, e o seu trenó entulhado de brinquedos para as crianças e os adultos que se entregam totalmente à alucinação festiva, distante da mensagem real do Nascimento.

Actualizando-se no Ocidente e, praticamente no mundo todo, as doces lendas sobre S. Nicolau, eis que também a árvore colorida vem substituindo o presépio humilde nascido na Úmbria, e outro tipo de saturnália toma conta da sociedade, agora denominada cristã...

Matança de animais, excesso de bebidas alcoólicas, festas exageradas, extravagâncias de todo porte, troca de presentes, abuso de promessas e ânsia de prazeres tomam lugar nas evocações anuais, com um quase total esquecimento do Aniversariante.

A preocupação com a aparência, os jogos dominantes dos relacionamentos sociais e o exibicionismo em torno dos valores externos aturdem os indivíduos que se atiram à luxúria e ao desperdício, tendo como pretexto Jesus, de maneira idêntica ao culto oferecido a Saturno.

Propositalmente, os adversários da ética-moral proposta pelo Mestre procuram apagar a Sua lembrança nas mentes e nos corações, em tentativas covardes e contínuas de O transformar em mais um mito que se perde na escura noite do inconsciente colectivo da Humanidade.

Distraídos em torno da ocorrência perversa, pastores e guias do rebanho confundido deixam-se, também, arrastar pela corrente da banalidade, engrossando as fileiras dos celebradores do prazer e da anarquia.

É certo que Jesus não necessita de que se lhe celebrem as datas de nascimento nem de morte, mas deseja que se vivam as lições de que se fez o Mensageiro por excelência, propondo novos conceitos e comportamentos em torno da felicidade e da responsabilidade existencial, tendo em vista a imortalidade na qual todos nos encontramos mergulhados.

Nada obstante, é de causar preocupação o desvio, a inversão de valores que se observam nas evocações festivas e na conduta dos celebradores, muito mais preocupados com o gozo e o despautério do que com os conteúdos memoráveis dos ensinamentos por Ele preconizados e vividos.

Por compreender as fraquezas morais do ser humano, Jesus entendia, desde então, tais ocorrências que hoje acontecem, as adulterações que se produziram nos Seus ensinamentos, e diante da indiferença que tomaria conta daqueles que O deveriam testemunhar, foi peremptório ao afirmar: - *Quando eles (os seus discípulos) se calarem as pedras falarão...* (Lucas, 19:40).

Concretizou-se o Seu enunciado profético, porque, nestes dias tumultuosos, nos quais não se dispõe de tempo, senão para alguns deveres de trabalho que proporcione compensações imediatas, o silêncio das sepulturas quebrou-se e as vozes da imortalidade em grande concerto vêm proclamar e restaurar a mensagem de vida imperecível, despertando os adormecidos para a lucidez e a actualização da conduta nos padrões elevados do Bem.

Não mais os intérpretes que adaptam os ensinamentos às suas próprias necessidades, distantes do compromisso com a Verdade; que se deixam dominar por excessos de zelos desnecessários, transferindo os seus conflitos para os comportamentos que os demais devem vivenciar; que se refugiam nos arraiais da fé, não

por sentimentos elevados, mas procurando ocultar os conflitos nos quais estortoram...

As *vozes dos Céus*, destituídas de ornamentos materiais e das falsas necessidades do convívio social, instauram a Nova Era, trabalhando pelo ressurgimento das lições inconfundíveis do Amor, conforme Ele as enunciou e as viveu até o holocausto final...

O Seu Natal é um momento de reflexão, convidando as criaturas humanas a considerarem a Sua renúncia, deixando, por momentos, o sólio do Altíssimo para percorrer os caminhos ásperos da sociedade daquele tempo, amando infatigavelmente e ensinando com paciência incomum, de modo a instalar na *rocha dos corações* os alicerces do Reino de Deus que nunca serão demolidos.

Assim sendo, embora a inversão de valores em torno de Jesus e de Sua doutrina, que se observa nas leiras do Cristianismo nas suas mais variadas denominações, nenhuma força provinda da insensatez conseguirá diminuir a intensidade de que se revestem, por serem os caminhos únicos e de segurança para que a criatura, individualmente, e a sociedade, em conjunto, alcancem a plenitude a que aspiram mesmo sem o saber.

### **VIANNA DE CARVALHO**

(Psicografia do médium Divaldo P. Franco, na manhã de 17 de Novembro de 2008, na cidade do Porto, Portugal, e transcrita, com a devida vénia, da revista espírita brasileira REFORMADOR, de Dezembro de 2009).

# HISTÓRIA ANTIGA

Médico, escritor, poeta, Miguel Torga deixou-nos várias ‘jóias’ de que não desejamos, de maneira nenhuma, desfazer-nos. Elas enriqueceram o património cultural português e, com mais seriedade ou um pouco de ironia, descrevem aos seus leitores situações em que as palavras são pinceladas na tela do imaginário. Recordemo-lo, então...

Era uma vez, lá na Judeia, um rei.  
Feio bicho, de resto:  
Uma cara de burro sem cabresto  
E duas grandes tranças.  
A gente olhava, reparava e via  
Que naquela figura não havia  
Olhos de quem gosta de crianças.

E, na verdade, assim acontecia.  
Porque um dia,  
O malvado,  
Só por ter o poder de quem é rei  
Por não ter coração,  
Sem mais nem menos,  
Mandou matar quantos eram pequenos  
Nas cidades e aldeias da nação.

Mas, por acaso ou milagre, aconteceu  
Que, num burrinho pela areia fora,  
Fugiu  
Daquelas mãos de sangue um pequenito  
Que o vivo sol da vida acarinhou;  
E bastou

Esse palmo de sonho  
Para encher este mundo de alegria;  
Para crescer, ser Deus;  
E meter no inferno o tal das tranças,  
Só porque ele não gostava de crianças.

*MIGUEL TORGA*



## **PÁGINAS DO PASSADO**

### **NOS DOMÍNIOS DO ESPÍRITO**

“Penso, logo existo”, disse Descartes, referindo-se ao *eu* imortal. Para os que não aceitam a imortalidade da alma, o ser é o cérebro, a matéria frágil que se desagrega e se perde na natureza. O ego, isto é, o indivíduo verdadeiro, imaterial, que subsiste eternamente, encarnações após encarnações, não é aceite pelas religiões oficiais do ocidente nem pela Ciência também oficial. É isto um estranho paradoxo, se bem examinarmos a essência dessas mesmas religiões, pois nelas encontramos os seus pilares assentes sobre as mesmas bases do Espiritismo, assim como a Ciência que através dos seus processos e dos seus mais célebres esteios tem demonstrado a importância dos fenómenos metapsicológicos.

Não me é permitido analisar as razões que têm levado a semelhante atitude; direi somente que apesar dessa obstinada oposição ao Espiritismo, ele conquista dia a dia, cada vez mais, em todo o mundo, os corações e os cérebros.

O facto de se negar uma verdade não impede que ela seja uma realidade positiva. O mesmo acontece com os fenómenos espirítóides que por toda a parte provam à evidência o poder do Mundo Oculto. Esses homens negam por comodidade, tentando assim criar um mundo a seu bel-prazer, para o que lhe ditam as suas leis.

A grande maioria desses pseudo-crentes e de fanáticos são, depois, no Espaço, os obsessores dos espíritas, os elementais dos teósofos, os demónios, as almas do inferno e do purgatório dos católicos.

Todos os mesmos, com as suas faltas e falsos conceitos que tiveram neste mundo. E tendo exorbitado na Terra, continuam no Além o mesmo género de actividade maléfica.

São precisamente os grandes ignorantes das Leis da Vida ou os grandes egoístas, conhecedores da veracidade da imortalidade do Espírito, mas que sistematicamente combatem essa eternidade, que depois post-mortum nos vêm provar não só a sua existência extra-terrena como também os seus próprios crimes.

E quando assim procedem não têm outro processo (por enquanto) senão o de se utilizarem da mediunidade, seja de que género for, de entre as várias modalidades que ela nos oferece. Nessa altura, muitos desses desgraçados já estão conhecedores das verdades que negaram e querendo mostrar o seu arrependimento, não recorrem às suas religiões nem aos credos filosóficos que tiveram na Terra...

... Somente a mediunidade lhes permite comunicar com os que ainda aqui se encotram. Como tudo isto é simples e como é

absurdo, que os homens e as mulheres não vejam ou, o que ainda é pior, não o queiram ver!

Quando enalteço a mediunidade no quanto ela tem de subtil e de útil e no valor que contêm as suas manifestações, refiro-me àquela cujos médiuns sabem usá-la nobremente para o fim que o Criador a destinou – demonstrar que nas suas Leis não há mistérios e que tudo é Luz e Verdade.

Da mesma maneira quando falamos da medicina ou do foro não nos referimos aos charlatães que prejudicam a saúde, nem aos intrujões que exploram a confiança dos seus clientes, ludibriando-os por todos os meios ao seu alcance, pois bem sabemos que em todos os campos há gente desonesta.

Há quem afirme, com atitudes pontifícias, que a mediunidade é obra do diabo; e também do mesmo modo quem diga que ela constitui um grave perigo para a saúde e para o bom ambiente das pessoas, e consequentemente das casas. Estas afirmações são absolutamente absurdas, pelo que as refutamos energeticamente. O que prejudica a saúde é contrariar-se a expansão dessas faculdades; é recusar-lhe a sua actividade, ou não normalizar o seu ritmo da mesma maneira que cuida das outras forças activas do nosso organismo.

Joana d’Arc, Catarina Emmerich, o cura d’Ars e muitos outros católicos foram médiuns.

A grande escritora russa princesa Helena Petrowna Blawatsky foi um extraordinário médium, e os seus primeiros artigos relatam fenómenos nela manifestados e por ela própria estudados.

Durante toda a sua vida esta grande mulher revelou os mais extraordinários dotes supranormais, através dos quais recebeu as mensagens para a fundação da Sociedade Teosófica, e a inspiração para a sua obra admirável – *A Doutrina Secreta*.

Não consta que por isso a sua saúde tivesse periclitado, o mesmo tendo acontecido à sua sucessora Dra. Annie Besant, nem aos grandes clarividentes Leadbeater e Jinarajadasa. Semelhantemente o mesmo podemos afirmar quanto aos célebres médiuns Fernando de Lacerda e Pascal Fourtany, este último também poeta e grande pintor.

Neste pequeno artigo não podendo citar todos os médiuns conhecidos terminarei por Francisco Cândido Xavier, de quem não consta que, devido aos seus notáveis dotes mediúnicos sofra de qualquer afecção física.

Contrariamente tem-se verificado que a mediunidade anda intimamente ligada ao génio. Se o Dr. J. Lopes Cardoso possuísse conhecimentos de espiritismo, talvez tivesse intitulado o seu interessante trabalho sobre *O Génio e a Loucura*, de *Génio e Mediunidade*, quando afirma: - “assim a grande maioria dos nomes gloriosos pertencem a doidos ou grandes desequilibrados”, entre os quais cita (pág. 10): Fourcroy, grande químico; Muller, notável fisiologista; Champ, caricaturista insigne; o celeberrimo filósofo Hamilton; Edgar Põe, contista extraordinário; Schuman; Gerard de Nerval; Beaudelaire; o grande Comte; Tasso; Swift; Schopenhauer; Jean-Jacques Rousseau, etc..

E nós que fizemos a nossa bagagem intelectual nas obras desses loucos!



A psiquiatria oficial querendo demonstrar que os gênios são criaturas anormais, até descobriu que um “desses sintomas” é a *variabilidade* nas profissões ou carreiras escolhidas. E cita Swift, poeta satírico, que escreveu sobre manufacturas da Irlanda, teologia, história, etc.. Cardan foi matemático, médico, teólogo e literato. Rousseau foi pintor, mestre de música, filósofo, ocultista, botânico e poeta. Hoffman, magistrado, caricaturista, músico, contista e dramaturgo. Tasso experimentou todos os metros da poesia épica, dramática e didáctica, e tentou escrever sobre história, filosofia e política. Ampère era linguista, naturalista, físico e matemático; Newton e Pascal nos *momentos de aberração*, abandonam a física pela teologia; Walt Whitman, o poeta dos modernos anglo-americanos foi rachador de lenha e burocrata. Põe cultivou a física e a matemática. Para não citar outros, terminarei por recordar o nosso grande A. Herculano: além de notável historiador era hábil agricultor e distinto professor; Venceslau de Moraes e Eça de Queiroz, diplomatas e escritores; o Dr. Abel Salazar, médico, artista pintor, crítico distinto e publicista distinto, e tantos, tantos outros.

Esta variabilidade é apreciada pelos neo-espiritualistas de modo muito diferente: para eles, esses factos são o produto de aquisições obtidas em passadas encarnações.

Ainda “comprovando” o desequilíbrio dos gênios, citam os cientistas *a preferência pelos assuntos difíceis*; e aqui, Ampère é acusado de tentar nas matemáticas os problemas mais transcendentos e confusos. Rousseau de tentar e Wagner de lançar a música do futuro; Swift de gostar de assuntos absolutamente estranhos às suas ocupações habituais, e escrever a carta a respeito das criadas, em que parece um autêntico criado, e a confissão dum gatuno que também nos deixa a impressão de ter sido escrita por um verdadeiro ladrão.

A tendência para as inovações também indica desarranjo mental ou taras. Beaudelaire criou o poema em prosa; exaltou o belo artificial e descobriu as olfactivas – perfume poético. O grande romancista Dostoyewsky era um anormal, assim como Camões, Dante, Hugel, Victor Hugo e Mohamed; o próprio Sócrates também era alienado por ter pregado a moral de Cristo, o monoteísmo hebraico, e declarar dirigir os seus passos conforme as ordens do seu génio inspirador.

O que os psiquiatras classificam de analogia entre o génio e a loucura, levou o célebre Lombroso a dizer: - “Eu não creio que haja exemplo que melhor ateste a existência duma vida psíquica *muito activa, poderosa* e ao mesmo tempo ‘enferme’ em um único ponto”.

Foi este ponto *enfermo* que levou este sábio a dedicar-se aos estudos psíquicos, e o levou a ser um grande espírita.

A psiquiatria confunde *à priori* os sintomas mediunímicos com as manifestações de alienação mental. Sobejamente são de nós conhecidos os casos de internamento, como doidas, de pessoas sofrendo unicamente o efeito mediúnico de influências astrais nefastas.

Todos os génios possuem faculdades supranormais, que não ocultaram, como George Sand, Mozart, etc.. O grande dramaturgo Victorien Sardou era médium e espírita convicto, e não consta que fosse doido ou tivesse qualquer tara.

Os psiquiatras notam em certos indivíduos chamados ‘alienados’ uma super-actividade intelectual que lhes comunica mais força e actividade.

Consiste ela especialmente na amplidão das faculdades intelectuais normais, conforme o afirmou o professor Lopes Cardoso.

A inspiração – ou acção das forças extra-terrenas – fonte donde brotam os mais belos e sublimes influxos que elevam o espírito humano às mais altas culminâncias do pensamento, às mais Formosas idealizações, é considerada pelos pais da Ciência como – Mania!

Quão grande é ainda o atraso da humanidade!

*YVONNE DE SOUSA*

(In: Revista de Metapsicologia, da Federação Espírita Portuguesa, Fevereiro de 1951).



## **SOBRE O CASAMENTO...**

Somente o que imana de Deus é imutável. Tudo o que é obra humana está sujeito a mutações. As leis da Natureza são as mesmas em todos os tempos e em todos os países. As leis dos homens sofrem mudanças de conformidade com os tempos, os lugares e o progresso da inteligência. No casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos, para que se opere a substituição dos seres que desencarnam; entretanto, as condições que regem essa união são de tal maneira humanas, que não há, no mundo inteiro, nem mesmo na cristandade, dois países onde elas sejam absolutamente similares e nem mesmo um só em que elas não

tenham sofrido alterações através dos tempos. Disso resulta que para a lei civil o que é legítimo numa nação e numa época, é adultério noutra país e noutra época, isso pela razão de que a lei civil tem por finalidade regular os interesses das famílias, os quais variam segundo os costumes e as necessidades locais. É assim que, por exemplo, em certos países, o casamento religioso é o único legítimo, noutros além desse é necessário o casamento civil, noutros, finalmente, este último casamento é suficiente.

Mas, na união conjugal, ao lado da lei divina material, comum a todos os seres vivos, há outra lei divina, imutável como todas as leis de Deus, exclusivamente moral: é a lei do amor. Deus quis que os seres fossem unidos, não apenas pelos laços carnis, mas também pelos da alma, a fim de que a mútua afeição dos esposos se prolongasse nos filhos e que fossem dois, em vez de um, a amá-los, zelar por eles e faze-los progredir. Nas condições ordinárias do casamento é levada em consideração a lei do amor? De modo algum; não se leva em conta a mútua afeição de dois seres, atraídos por sentimentos recíprocos, pois na maioria das vezes esse sentimento é rompido. O que se procura não é a satisfação do coração, mas a do orgulho, da vaidade, da cupidez, em suma: de todos os interesses materiais. Quando tudo corre bem, diz-se que o casamento é vantajoso; e quando as bolsas estão bem equilibradas, diz-se que os cônjuges estão também harmonizados e devem ser muito felizes. (...)

*ALLAN KARDEC*

(In: O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, cap. XXII, n.ºs. 2 e 3).